

**O QUE EU FAÇO COM A MINHA CARA DE ÍNDIA?****LITERATURA E RESISTÊNCIA EM ELIANE POTIGUARA**

**RESUMO:** Diante da emergência de vozes atuais que rompem com a narrativa dominante, Eliane Potiguara ganha destaque ao utilizar a literatura como mecanismo de resistência às inúmeras tentativas de silenciamento impostas às mulheres indígenas ao longo da história. A sua produção literária segue em contramão ao pensamento de uma raiz única do Ocidente, imposta pelos colonizadores e absorvido pelos colonizados. O presente artigo tem, portanto, o objetivo de discutir os conceitos de identidade e diversidade na obra de Eliane Potiguara.

**Palavras-chave:** Resistência; Indigenismo; Potiguara; Crioulização;

**ABSTRACT:** Given the emergence of current voices that break with the dominant narrative, Eliane Potiguara gains prominence in using literature as a mechanism of resistance of numerous attempts of imposed silence imposed on indigenous women throughout history. Her literary production runs counter to the thought of a single root of the West, imposed by the settlers and absorbed by the colonized. The present article has, therefore, the objective to discuss the concepts of identity and diversity in the work of Eliane Potiguara.

**Key-words:** Resistance; Indigenismo; Potiguara; Creolization;

*“quem tu és identidade?  
que secretos poderes tens,  
que me matas ou me revives  
que me faz sofrer ou me faz calar  
quão mistérios tu trazes na alma?”*

*Eliane Potiguara*

Por se tratar de um dos principais instrumentos culturais de inserção social para uma minoria social e econômica, a literatura torna-se um dos alicerces para a impulsão da luta da mulher indígena. Na atualidade, as mulheres indígenas tomam posse da escrita para mostrar o sofrimento da violência e da marginalização a que foram relegadas desde a construção de uma sociedade não indígena que se iniciou com a colonização e, que perpassa até hoje. E é esse grito, de revolta e de dor, que podemos encontrar em suas produções literárias. As próprias mulheres indígenas, donas de sua história, que tomam a palavra e colocam no papel o que até

então ficava somente na oralidade e, assim, tornam-se visíveis para a sociedade contemporânea. Através de suas falas politizadas, conseguem colocar em discussão assuntos de extrema importância, como, por exemplo, a demarcação das terras que, ancestralmente, pertencem a seus povos, exploração da mão de obra; na esperança de que lhes sejam devolvidos o respeito e a dignidade, além do lugar que lhes foi usurpado desde a colonização na sociedade brasileira que ajudaram a construir. Em suas obras, divulgadas em diversas mídias, expressam, então, sua cultura, reverenciam seus antepassados, apresentam seus costumes, mostram suas dores e, principalmente, apresentam muito zelo em deixar acesa a luz de sua identidade.

Uma dessas vozes mais significativas e fortes dentro do contexto indígena é Eliane Potiguara, Conselheira do INBRAPI (Instituto Indígena de Propriedade Intelectual), Coordenadora da Rede de Escritores Indígenas na Internet e do Grumin. Foi indicada, por seu trabalho como ativista, como representante do Brasil na campanha “Mil Mulheres Para o Prêmio Nobel da Paz 2005”. Foi nomeada uma das 10 mulheres do ano em 1988, pelo Conselho das Mulheres do Brasil, por ter criado o GRUMIN. Participou durante anos, da elaboração da “Declaração Universal dos Direitos Indígenas”, na ONU em Genebra. Em 1987 Potiguara deu início ao projeto GRUMIN, Grupo Mulher Indígena-Educação, um programa visando mulheres indígenas em centenas de comunidades brasileiras, não só para promover a educação dessas mulheres, como para incentivá-las a participar ativamente nas suas comunidades e na sociedade em geral, num trabalho conjunto de preservação e divulgação do conhecimento, das tradições e da cultura ancestral, que almeja resultar na afirmação de uma identidade indígena livre da carga estereotipada que o pensamento eurocêntrico vinha lhe impondo. Através dessa entidade, ela luta pela efetiva construção de políticas públicas voltadas para a proteção das mulheres indígenas em relação aos problemas e preconceitos que enfrentam em sua luta cotidiana por um lugar, a que têm direito, na sociedade brasileira.

Para Potiguara, militância política e trabalho literário representam duas facetas de uma mesma proposta e um mesmo engajamento. Contar as histórias, as lutas e as memórias dos povos indígenas é uma forma de realização do seu projeto maior: defender os direitos dos povos indígenas, resgatar o que lhes foi tomado pelos colonizadores e preservar suas culturas. Potiguara considera que a mulher indígena é fundamental no processo de preservação das

culturas indígenas, e assim essa mulher vem ocupar uma posição central em sua luta política e em sua obra literária. Em seus discursos, a autora tem os objetivos principais: a conscientização do público sobre a questão indígena – a discriminação, injustiça e violência sofridas pelos povos indígenas – e sobre o papel que os indígenas brasileiros podem desempenhar em uma sociedade multiétnica e multicultural; e a conscientização das próprias mulheres indígenas sobre sua condição social e a importância da educação no processo de transformação dessa condição.

Tais objetivos políticos, especificamente a educação, a conscientização e a afirmação de uma identidade indígena, manifestam-se nos discursos de Potiguara, tanto em seus ensaios e manifestos, como em sua poesia e ficção, e também em conferências e palestras das quais participa. Discursos que vêm sendo divulgados, principalmente, através da Internet, em blogs, *e-books*, boletins eletrônicos, *websites* pessoais e outros, como o *youtube*, valendo-se de todos os meios de comunicação possíveis oferecidos pelas novas tecnologias. Em seu livro *Metade cara, metade máscara* (2004), para dar forma e voz à identidade feminina, Potiguara utiliza-se aqui de vários gêneros literários e diferentes registros linguísticos. Desse modo, a protagonista de *Metade cara* não é uma única mulher, mas sim inúmeras delas que têm em comum uma história de violência, deslocamento e alienação, mas que, por outro lado, constroem também uma história de afirmação identitária e de luta pela preservação de seus costumes e herança ancestral.

Mulher, terra e identidade encontram-se profundamente conectadas no pensamento de Potiguara, sendo a mulher o elo entre novas gerações e o conhecimento, a sabedoria e as tradições dos antepassados. Segundo a autora, a alienação e o sofrimento da mulher indígena resultam na perda de identidade de nações inteiras, e por isso sua obra orienta-se a partir de uma preocupação fundamental com a educação e o fortalecimento cultural e político da mulher indígena. Sua literatura vai ser também um chamado às mulheres indígenas para que criem, pois Potiguara reconhece no ato criativo, na linguagem e na escrita instrumentos de transformação da sociedade. Portanto utiliza-se de um tom forte, de revolta e raiva que exige uma reação por parte do interlocutor poético, pondo em marcha um processo de indagação, reflexão e reposicionamento frente à realidade retratada. Usando a linguagem como arma

política Potiguara propõe-nos, por meio da afirmação da alteridade da mulher indígena, a possibilidade e necessidade de uma nova ordem social.

## 1. OS DESPLAZADOS DAS AMÉRICAS

*“a quantas milhas estás do próximo  
a quantas mais estás de ti  
palavra humano faz eco  
vejo-te e ouço-te  
o que dizes não coincide  
com as legendas”  
Queni N.S.L. Oeste*

Ao entrar em contato com as informações referentes à colonização europeia no território das Américas, nos deparamos com relatos bárbaros e chocantes desse processo contra os povos que aqui habitavam. Para que os espaços indígenas fossem colonizados, ocorreram invasões que massacraram e destruíram suas moradias e suas plantações, além do assassinato de milhares de índios através de armas de fogo, doenças e até pela exaustão através do trabalho escravo. Povos condenados por não submeter-se às cruéis imposições dos recém-chegados, que tinham como objetivo principal obrigá-los a abandonar a cosmovisão que, até então, regia suas vidas enquanto seres individuais e coletivos. Todas as diferentes etnias que ocupavam o território americano foram denominadas e catalogadas pelos europeus que aqui chegavam, esses que eram “impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação”. (SAID, 1995, p. 43) E, assim, os habitantes das Américas eram vistos como seres inferiores pelos parâmetros científicos da época, que consideravam os europeus como uma raça superior.

Essas narrativas, denominadas de mitos fundadores, serviram como criação de uma consciência histórica a fim de que uma comunidade acredite em ideais, como a expansão dos

territórios. Além de implementar pensamentos sobre universalidade, legitimação de um absoluto, de um particular eleito, que foram utilizadas como principal fundamento para a expansão colonial. GLISSANT (2005) afirma que por onde aparecem os mitos fundadores, no seio dessas culturas atávicas (culturas que buscam legitimidade em uma determinada terra, que se torna território), desenvolve-se a noção de identidade, que irá se desenrolar em torno do eixo da filiação e da legitimidade, formando uma concepção de “raiz única”, que exclui o outro como participante. Segundo ele, a raiz única é aquela que mata todas as outras que se encontram a sua volta e a rizoma é aquela raiz que vai ao encontro de outras raízes. Já nas sociedades em que o mito não funciona, aquelas que passaram por processo de criouliização (a imprevisibilidade do encontro com o outro), a noção de identidade se realiza envolta nas tramas da relação que compreende o outro como inferência. Glissant, em seu livro, *Por uma poética da relação* (2005) cita o exemplo dos *Roms*, povos compósitos, ou seja, que não passaram por processos colonizatórios e que não apresentam ideais de legitimidade e território. Eles se unem a fim de elaborar uma conferência da paz cujos fundamentos se baseiam na ideia de que a paz e desenvolverá somente em uma cidadania pluétnica dentro da diversidade de culturas e igualdade de direitos.

GLISSANT (2005) defende que a criouliização não acontece hoje somente nos países que passaram por processos traumáticos de colonização. É um movimento que acontece no mundo todo pois, para ele “o mundo se criouliiza” (GLISSANT,2005, p.18). As culturas do mundo ao serem colocadas em contato umas com as outras de forma rápida e consciente transformam-se, dando cada uma pouco de si e, em troca, recebendo um pouco da outra. Dentro dessa perspectiva, o autor afirma que estamos vivendo dentro de uma esperada “Totalidade-Mundo”, em contato a todo tempo uns com os outros. Mas, esse sistema de Relação, para ele, é errático, porque nos encontramos no que ele chama de “Caos-Mundo” (GLISSANT, 2005, p.98), ou seja, em choque, repulsões e conflitos entre as culturas. O autor ressalta que a criouliização supõe que os elementos culturais colocados em presença dos outro devam ser obrigatoriamente “equivalentes em valor” para que a criouliização seja efetiva pois, dessa forma, quando os elementos culturais são colocados em Relação e inferiorizados a criouliização não se dá de forma verdadeira. TODOROV (2003), em seu livro *A conquista da*

*América* faz um estudo do encontro com o outro nas Américas e o quanto esse embate foi dramático. Ele justifica a relevância de se olhar o passado afirmando que

Somos parecidos com os conquistadores e diferentes deles; seu exemplo é instrutivo, mas jamais teremos certeza de que não nos comportamos como eles, não estamos, justamente, a imitá-los, adaptando-nos as novas circunstâncias. Mas a sua história pode ser exemplar para nós porque nos permite fazer uma auto-reflexão, descobrir as semelhanças e também as diferenças: mais uma vez o conhecimento de si passa pelo conhecimento do outro. Para Cortez, a conquista do saber leva a do poder. Fico com a conquista do saber, ainda que seja para resistir ao poder. (...) Reconhecer, aqui e ali, a superioridade dos conquistadores não significa fazer seu elogio; é necessário analisar as armas da conquista, se quisermos ter possibilidade de freá-la um dia. Pois as conquistas não pertencem só ao passado. (TODOROV, 2003, p. 250)

A crioulização, portanto, exige que os elementos heterogêneos colocados em relação se interiorizem pois, quando há interpenetração cultural não se abre espaço para políticas de unificação cultural. O principal problema a ser enfrentado hoje, segundo GLISSANT (2005), é a mudança no imaginário da mentalidade das humanidades de maneira que, dentro das culturas atávicas, os conflitos étnicos parem de ser considerados impossíveis e que nas culturas que passaram pelo processo de crioulização esses conflitos passem a ser vistos como um processo necessário, que não pode ser evitado. Devemos pensar as humanidades não mais como raiz única mas sim rizoma pois, não haverá solução se continuarmos com o pensamento de legitimidade e afirmação, porque não devemos somente defender o oprimido e sim repensar a identidade. Para o autor o Todo-Mundo é uma desmedida e se não captarmos a dimensão dela, corremos o risco de arrastar eternamente as velhas impossibilidades que sempre determinam as intolerâncias, os massacres e os genocídios.

## **2. POR UMA POÉTICA DA DIVERSIDADE**

*“Todo caminho que percorri até agora,  
todas essas lutas não representam nada  
comparado ao que nos resta fazer, porque  
o que nos resta a fazer é o mais*

*importante, ou seja, conseguir que todas  
as populações vivam juntas.”*

*Nelson Mandela*

As literaturas épicas, os mitos de fundação, mostram uma necessidade de vencer o inimigo em busca de uma afirmação identitária. É a partir de poéticas comunitárias orais, passadas de geração a geração que a Literatura se estabelece e assim modela a consciência de uma comunidade ameaçada, ou seja, quando a comunidade não está segura de sua identidade, o grito poético é necessário para afirmar-se em face de uma ameaça. A partir desse alarde, toda e qualquer literatura passa a ser considerada pela comunidade como sagrada, adquirindo uma função absoluta e sacralizadora. GLISSANT (2005) afirma que “o ato poético é um elemento de conhecimento do real” (GLISSANT, 2005, p. 45) e, que, a Relação é intensa entre a necessidade e a realidade, o lugar de onde se emite a fala humana. Podemos fechar esse lugar em um território restrito ou abrir esse lugar sem desfazê-lo ou diminuí-lo e o mais importante em sua concepção, é discutir uma poética da Relação que possibilite essa abertura.

A literatura sempre defendeu uma concepção do mundo, o poeta sempre reivindicou para o seu conhecimento essa relação com o que GLISSANT (2005) chama de “Totalidade-Mundo” (GLISSANT, 2005, p.42). As obras literárias passam, então, a estabelecer um vínculo entre o lugar de origem e a Totalidade-Mundo. Para ele, estamos dentro da Totalidade- Mundo, deixa de ser uma projeção e torna-se o Caos- Mundo. Existe o Caos-Mundo porque existe o imprevisível, e é dessa noção que se cria e determina esse conceito, pois já não temos mais a consciência ingênua dos mitos fundadores. Entendemos que a consciência ingênua dessa totalidade não pode ser mais excludente. O autor afirma que ainda vivemos em um antigo modelo de pensamento em que se eu for ao encontro do outro não serei mais eu mesmo, e seu eu não for mais eu mesmo, me perco de quem eu sou. Para ele, é necessário renunciarmos a espiritualidade, a mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade de raiz única para entrarmos na complexidade de uma Identidade de Relação. Segundo ainda o autor, é só através de uma poética da Relação, ou seja, em um imaginário que nos permita compreender as fases e implicações das situações dos povos hoje no mundo, nos permitirá tentar sair do confinamento ao qual estamos reduzidos.

RIBEIRO (2017) afirma que todas as pessoas possuem lugares de fala, que advém de um lugar social e que é a partir de uma escuta legitimada dessas vozes de lugares distintos que conseguiremos debater e refletir criticamente sobre os mais variados assuntos presentes em nossa sociedade. Pensar nesses lugares é romper com um silêncio vigente de alguns e para pulsar uma movimentação no sentido de acabar com uma hierarquia violenta na sociedade.

A tecnologia permite hoje uma convergência entre o mundo letrado, que se volta para a oralidade das novas mídias, e as comunidades tradicionais que encontram na tecnologia digital maneiras especiais de se expressar. Segundo FIGUEREDO (2018) essas novas textualidades, que vão da transcrição de tradições orais até livros literários no sentido ocidental, situam-se numa política de afirmação das culturas locais. E é a partir daí que o universal torna-se diverso. GLISSANT (2005) coloca a internet como “auto-estradas da Informação” (GLISSANT, 2005, p.48) pois realiza uma multirelação que abre ao infinito a diversidade. Elas servem para transmitir uma herança, registrando em arquivo a memória de suas tradições para que elas não se percam de todo. FIGUEREDO (2018) afirma que além das antologias de textos orais e publicação de livros, que se encontram na confluência da tradição ocidental e da tradição ameríndia, inicia-se uma nova tradição literária. Sem perder o contato com a tradição, os indígenas se inserem na modernidade, reivindicando sua participação em todos os aspectos da vida social, inclusive na vida literária. A questão identitária que se exprime por uma busca de afirmação da indianidade está no centro da literatura indígena contemporânea.

O povo potiguara por muito tempo foi tido como extinto, como totalmente assimilado ou dizimado pela colonização. É possível perceber tal fato pela pouca produção sobre a etnia, e pela referência a esse povo sempre em relação ao passado. É nesse contexto que se insere a escrita de Eliane Potiguara. Com o desaparecimento de seu avô, por questões ligadas à luta pela terra, Eliane e a família se deslocaram para o Rio de Janeiro, onde vivem até hoje. Embora a escritora não tenha nascido na aldeia, nunca deixou de ser Potiguara: “[...] gosto de ser identificada sempre como indígena que é a força maior que eu tenho na minha família, que é minha identidade enquanto povo indígena, povo Potiguara de origem indígena potiguara” (POTIGUARA, 2009) A condição de indígena desaldeada, migrante, deixa fortes marcas na literatura de Eliane Potiguara. Com a migração forçada pelo neocolonizador e a falta de



condições de sobrevivência nas aldeias, é posto o desafio de ser índio longe de sua terra, conferindo um caráter diaspórico à poesia de Eliane, que afirma “Eu não tenho minha aldeia/ Minha aldeia é minha casa espiritual/ Deixada pelos meus pais e avós/ A maior herança indígena./ Essa casa espiritual/ É onde vivo desde tenra idade/ Ela me ensinou os verdadeiros valores [...]” (POTIGUARA, 2004, p. 131).

O poema “Brasil”, que faz parte da antologia de textos presentes no livro *Metade cara, metade máscara* (2004) assinala a sobrevivência dos indígenas no presente, contrapondo-se àquela visão mitificada do índio do passado, e que continua em novas formas que insistem em declinar a vida indígena no passado. Nele, a autora questiona a visão identitária dos indígenas frente à sociedade, ao dizer:

que faço com a minha cara de índia?  
e meus espíritos  
e minha força  
e meu tupã  
e meus círculos?  
que faço com a minha cara de índia?  
e meu toré  
e meu sagrado  
e meus “cabôcos”  
e minha terra  
que faço com a minha cara de índia ?  
e meu sangue  
e minha consciência  
e minha luta  
e nossos filhos?(...)  
barriga brasileira  
ventre sagrado  
povo brasileiro  
ventre que gerou  
o povo brasileiro  
hoje está só ...  
a barriga da mãe fecunda  
e os cânticos que outrora cantavam  
hoje são gritos de guerra  
contra o massacre imundo  
Nosso ancestral dizia: temos vida longa  
Mas caio da vida e da  
E range o armamento contra nós  
Mas enquanto eu tiver o coração aceso  
Não morre a indígena em mim  
E nem tampouco os compromissos que assumi  
Perante os mortos

De caminhar com minha gente passo a passo  
E firme em direção ao sol [...]  
(POTIGUARA, 2004, p. 102).

O resgate da ancestralidade é pautado em um contexto de atualização identitária, ou seja, a tradição não prende a concepção de identidade indígena ao passado, mas serve como uma ferramenta de afirmação e reconfiguração cultural desses povos diante das transformações engendradas na contemporaneidade. Em sua escrita, a autora se recusa a assumir uma posição de vítima oriunda de erros históricos, mas sim de sujeito político implicado nos desdobramentos do processo de colonização. A afirmação do conhecimento indígena como propriedade intelectual vai de encontro aos processos de invisibilização e coloca a cultura indígena como visível, pois Potiguara escreve a partir do lugar dos indígenas marginalizados, que viviam e vivem sob um véu de invisibilidade, através de uma linguagem própria e que vai de encontro à padronização literária hegemônica. Descobrimos em suas produções literárias não somente a linguagem de uma indígena, mas também a condição social das comunidades indígenas, a violência de gênero aliada ao racismo, as violações de direitos por parte dos não-índios, os impactos da colonização e da neocolonização que ainda perduram e incidem diretamente na vida dos sujeitos. Percebemos também o movimento de resistência, a reapropriação dos saberes ancestrais como uma ferramenta política, a narração de histórias como um movimento de disputa de discursos e representação que vai de encontro ao cânone e às supostas verdades hegemônicas. Sua experiência literária fala de memória, da vivência de sujeitos e grupos étnicos marginalizados e subjugados ao longo da história.

As memórias rizomáticas que surgem no cenário brasileiro evocam outros mitos fundadores, outros discursos nacionais, traçam uma visão de nação já pluralizada e não uma, como construídas pelas narrativas literárias do século XIX e que o século XX reforçou. O que presenciamos, sobretudo desde os anos 1980, é a eclosão de vozes que narrativizam outras histórias, outras versões sobre a nação. Glissant defende “que a poesia é, em todo caso, o exercício do imaginário, a visão profética do passado juntamente com a visão profética dos espaços longínquos, é, em toda parte, a única forma que temos de nos inserir na imprevisibilidade da relação mundial” (GLISSANT, 2005, p.207). Para ele devemos estar inseridos em um “combate cotidiano” preservando a nossa cultura, dentro do processo de

Relação, lançando mão de todas as formas de estratégia: culturais, políticas, militantes, etc. Dessa forma mudar discursos como “ se você não é como eu, você é meu inimigo; se você não é como eu, estou autorizado a combatê-lo” (GLISSANT,2005, p.207) , adentrando assim o mundo da pluraridade. Boaventura de Souza Santos denomina o pensamento moderno de “Abissal”, por ser construído de separações visíveis e invisíveis, como se houvesse alguns “deste lado da linha” e outros “do outro lado da linha”. Para ele, um “pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir” (SANTOS, 2010, p. 51).

GLISSANT (2005) afirma que essa transformação em relação ao “eu” e o “outro” levará algum tempo para ser alcançada e é função da literatura, da poesia e da arte levar as humanidades a refletir o fato de que o outro não é inimigo e que o diferente não me destrói, que me transformo em contato com ele e não me diluo, reencontrado, segundo nosso entendimento, o pensamento abissal defendido por Boaventura de Souza Santos (SANTOS, 2010, p.51). Tratando-se, portanto, de um diferente tipo de combate, a função do artista é aproximar o imaginário do mundo. E, fazer mergir o imaginário não é o mesmo que sonhar o mundo, mas penetrar nele. O autor defende que “É preciso toda uma poética para conceber esses impossíveis. E é por isso que acredito que em nossos dias, o pensamento poético esteja no princípio da relação com o mundo.” (GLISSANT,2005, p.209) É necessário enfatizar que, uma poética da relação não impede as dominações mas as maneiras de resistir a ela mudam, pois conseguimos entender que as antigas formas de resistência não são mais as únicas possíveis e suficientes. Todo o resto é Relação, ou seja, abertura e relatividade pois, um povo oprimido é aquele que fica impossibilitado de refletir sobre a sua função no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura produzida por mulheres indígenas tem movimentado o cenário literário na contemporaneidade e é a partir dela que se inicia o processo de crioulização defendida por Glissant. É a verdadeira poética da Relação, que a partir da constatação e superação da fratura colonial, com a exposição dos seus sofrimentos em relação ao desenraizamento imposto pela

colonização, buscam criar novas formas de percepção da realidade e de expressão artística. A escrita de Eliane Potiguara tem se tornado um símbolo nesse contexto. Em sua obra destaca-se não só a história de sua etnia, sua luta política como, também, um texto que rompe com as fronteiras dos gêneros textuais. Ao entrarmos em contato com a sua obra escrita mergulhamos em um universo múltiplo e plural em todos os sentidos, pois em seu texto híbrido (poesia, contos, crônicas e relatos) trazem reflexões sobre a trajetória de vida política da autora. Sua literatura transita entre uma poética de confronto e de relação, acarretando em uma análise da articulação entre o imaginário do espaço e as estratégias de uma possível reconstrução das identidades ameríndias na contemporaneidade pois, não mudamos nada da situação dos povos do mundo se não transformarmos o imaginário, ou seja, a ideia de que a identidade seja de raiz única, fixa e intolerante. É necessário rever a Totalidade- Mundo a partir do nosso lugar e do outro, estabelecendo Relação e não evidenciando a exclusão. Portanto, a condição de mulher indígena, que usa a escrita como instrumento de luta em favor dos direitos de seu povo, coloca a autora em posição de singularidade no contexto da literatura Brasileira.

## REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Eurídice. *Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia*. Estud. Lit. Bras. Contemp. 2018, n.53, pp.291-304.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com Eliane Potiguara para tese de doutorado de Daniel Munduruku*. (2009) Disponível em: < <http://elianepotiguara.blogspot.com/p/entrevistas.html> > Acesso em 27 de agosto de 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In: SANTOS, Boaventura de Souza, MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.